

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECAR		
Jornal		
Correio da Bahia		
Data		
11.09.06		
Caderno	Página	
Especial	04	
Seção		
Assunto		
Centro Histórico Preservação		

Paulo M. Azevedo

*As ruas do Centro
Histórico costumam se
transformar em mictórios
a céu aberto*



Falta de banheiros é problema no Centro Histórico da capital

Baianos e turistas são obrigados a pagar pelo uso dos sanitários dos bares

Flávio Costa

Na hora do aperto há quem queira urinar aos pés do busto do primeiro bispo do Brasil, Pero Fernandes Sardinha, na Praça da Sé. Não que se tenha algo contra o religioso, que fez jus ao nome quando foi devorado por índios caetés, após um naufrágio, no longínquo ano de 1556. O que levaria alguém a fazer a necessidade fisiológica num monumento é o fato de o Centro Histórico não possuir sanitários químicos permanentes. À exceção das terças-feiras, quando acontece o Dia da Benção,

não há sanitários químicos no Pelourinho. Turistas, transeuntes, vendedores ambulantes têm que contar com a colaboração dos comerciantes locais, que por vezes cobram pelo uso dos banheiros. Outra consequência é que as ruas transversais do Pelourinho acabam por se transformar em verdadeiros mictórios ao ar livre, onde o cheiro fétido impera. Quem se dispuser a andar poderá encontrar quatro sanitários químicos na Praça Municipal Thomé de Souza, ao lado do Elevador Lacerda.

O dia-a-dia de quem trabalha nas ruas do Pelourinho é complicado quando o assun-

to em pauta é sanitário químico. A trançadeira Rita Souza, 40 anos, dá expediente diário no Terreiro de Jesus, onde faz penteados à moda afro em turistas. Por sorte, Rita tem parentes que moram nas imediações e, na hora que a "vontade vem", ela se socorre na casa de alguns deles. "Mas as outras pessoas que não têm conhecidos por aqui, têm que se virar para fazer as necessidades", diz. Ela conta que nem sempre os donos de bares e lojas estão dispostos a permitir que alguém que não seja cliente use os banheiros.

A gerente do bar Sabor Brasil, Janaína Tarrago, de-

clara que a falta de sanitários químicos acaba por atrapalhar o movimento. Há pouco tempo, segundo ela, cerca de 30 turistas tailandeses lhe pediram, ao mesmo tempo, para usar o banheiro. "É um incômodo muito grande porque situações como esta ocorrem com uma frequência diária. E a toda hora um dos meus empregados tem que ficar limpando o banheiro, que a princípio deveria ser usado apenas por nossos clientes", diz Tarrago. Na ocasião, cada um dos turistas tailandeses teve que comprar uma garrafa de água mineral, como forma de retribuir o favor.

Claudionor Junior

Cobrança é comum na região

O ato de cobrar pelo uso dos banheiros é comum em alguns bares da região. Porém, outros comerciantes preferem não abrir o banheiro às pessoas que não estejam consumindo. Um dos mais tradicionais bares do Pelourinho, a Cantina da Lua, postou na entrada um aviso em que se lê que o banheiro apenas é para o uso de seus clientes. O segurança de prenome Anderson explica que a medida é para evitar que as "pessoas de fora" sujem o toalete e roubem papéis higiênico e toalha, prática que segundo ele era comum.

O turista brasileiro, o geólogo Marcos Antônio, estranhou a ausência dos sanitários químicos no Pelourinho. "Eu acho que deveria ter aqui. Pois sem dúvida é um local de muito movimento, essencialmente turístico, acho que as autoridades deveriam se preocupar com isso", diz o geólogo. Ele cita Fortaleza e Gramado (no Rio Grande do Sul) como exemplos de lugares onde é fácil encontrar sanitários públicos nos pontos de maior movimento. "Inclusive os de Gramado nem são estes químicos e sim sanitários públicos revestidos de mármore", comenta.

Ruas transversais – A falta de sanitários públicos no Pelourinho acaba por transformar as ruas transversais e de menor movimento em verdadeiros mictórios a céu aberto. Assim que amanhece, os moradores e comer-

ciantes de ruas como Saldaña, Sete de Setembro, Beco do Seminário, têm que conviver com o odor de urina que toma conta destes locais. O dono de um depósito de bebidas Florisvaldo de Jesus Lima revela que é comum encontrar fezes humanas na porta de casa. Flagrar cenas de pessoas fazendo necessidades fisiológicas já virou rotina para ele. "Todo dia é a mesma coisa. É homem, é mulher, velho, criança fazendo as porcarias em qualquer horário. O fedor que fica é demais", informa.

Nem os prédios públicos escapam. A fachada da Escola de Dança da Fundação Cultura do Estado da Bahia (Funceb) é um dos pontos preferidos para aqueles que fazem da rua mictório. A diretora da escola, Simone Najar, reconhece que a falta de sanitários químicos força as pessoas a fazerem as necessidades nas ruas, mas aponta também a má educação das pessoas para praticarem o ato. "Falta um pouco de consciências nas pessoas que fazem isso para entender, prédio público não é lugar de urinar".

A Limpurb realiza diariamente limpeza nas ruas do Pelourinho através de carros-pipas. De acordo com sua assessoria de comunicação, a Limpurb tem o dever de colocar a disposição do público sanitários químicos quando ocorrem festas no local, a exemplo da já citada Terça da Benção.

Condições de uso deploráveis

Na praça Thomé de Souza, ao lado do Elevador Lacerda, existem quatro sanitários químicos – dois masculinos, dois femininos. Pelo que se vê, o estado em que se encontram estes banheiros por dentro é praticamente impossível que uma mulher o use sem se sujar. As condições são, no mínimo, deploráveis.

O motorista aposentado Ailton de Carvalho, 64 anos, saiu da Avenida Centenário, onde realizou uma consulta médica, em direção à Praça Municipal, apenas para usar um destes mictórios. Sem

a perna direita, amputada por causa de um acidente, Ailton teve dificuldades ao entrar no banheiro. "Quem tem estômago fraco não dá para usar aquilo não", disse ele na saída.

Um dos funcionários da Limpurb, que preferiu não se identificar, diz que a empresa responsável pelo sanitário, a Star Ambiental, não faz a limpeza de modo sistemático. "Num dia eles vêm aqui às 7h, no outro às 10h. Eles não fazem a limpeza à noite, e de manhã o banheiro já está imundo. O fedor não tem quem agüente".



Os sanitários químicos são instalados apenas no período do Carnaval